



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Brasil

Morais Salum e, Maria de Lima; Otta, Emma; Scala Tieppo, Cristiana  
Status Sociométrico e Avaliação de Características Comportamentais: Um Estudo de Competência  
Social em Pré-Escolares  
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 14, núm. 1, 2001, pp. 119-131  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18814110>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## **Status Sociométrico e Avaliação de Características Comportamentais Estudo de Competência Social em Pré-Escolares**

*Maria de Lima Salum e Moraes*

*Emma Otta<sup>1,2</sup>*

*Cristiana Tieppo Scala*

*Universidade de São Paulo*

---

### **Resumo**

Neste estudo, investigaram-se correlatos entre escolhas sociométricas positivas e negativas e atributos comportamentais por parte de companheiros de uma classe de pré-escola. Testou-se a adequação de um instrumento para avaliação de atributos comportamentais em crianças de cinco anos de idade, empregando-se figuras ilustrativas com essa finalidade para a aplicação em crianças de cinco anos de idade, empregando-se figuras ilustrativas de facilitar a compreensão da tarefa e de motivar os participantes a se manterem interessados durante a tarefa. Atributos comportamentais pesquisadas foram, na esfera social: aceitação/isolamento social, participação/não-participação, dependência/independência da professora e dominância/ submissão; e na esfera afetiva, tristeza/alegria. O instrumento mostrou-se adequado para avaliação desses atributos em pré-escolares. Verificou-se que as crianças eram capazes de adequadamente discriminá-los. As meninas eram mais avaliadas por características de discriminar a maior parte das características dos colegas, associando escolhas positivas a atributos positivos. Foram constatadas diferenças de gênero: os meninos foram mais avaliados por características afetivas.

*Palavras-chave:* Competência social; *status sociométrico*; preferência por companheiros; avaliação de características sociais e afetivas.

**Sociometric Status and Peers' Behavioral Descriptions:  
A Study of Preschoolers' Social Competence**

---

### **Abstract**

This study examined the correlations between sociometric choices and preschool peers' behavioral appropriateness of an instrument created for the evaluation of behavioral attributes for five year old children. Illustrative cards to motivate participants during the task. Behavioral social characteristics evaluated were acceptance/rejection, participation/lack of participation in schoolwork, dependence/independence from teacher, dominance/submission. Affective characteristics investigated were happiness/sadness and fear/courage. The instrument showed to be appropriate for evaluating these attributes in preschoolers. It was found that children were able of adequately discriminate most of the behavioral characteristics, associating positive affective characteristics to preferred peers and antisocial and negative affective descriptions to non-preferred peers. Differences were found: boys were evaluated by social characteristics whereas girls were evaluated by affective characteristics.

---

Competência social é um conceito usado para designar a capacidade de interação e de adaptação da criança ao grupo de companheiros (Attili, 1990). A investigação dessa competência no ambiente tem contribuído para a

perspectiva do outro, nos domínios da socialização – e a possibilidade de experiência da criança no grupo, de estratégias de socialização, assim como o exercício da competência social.

social gera o *status* sociométrico do indivíduo no grupo. Num trabalho que trouxe contribuições fundamentais para a área, Coie, Dodge e Coppotelli (1982) propõem duas medidas – preferência social e impacto social – derivadas de respostas das crianças a duas questões simples: “de que colega(s) você gosta mais?” e “de que colega(s) você gosta menos”? Com base nas repostas a essas perguntas, os autores classificaram as crianças como: *populares* – com alto índice de aceitação e baixo de rejeição; *rejeitadas* – com alto índice de rejeição e baixo de aceitação; *negligenciadas* – com índices baixos ou nulos de escolha positiva e negativa; *intermediárias* – com índices moderados de escolha positiva ou negativa; e *controversas* – com altos índices de escolha positiva e negativa. Coie e colaboradores enfatizam a importância de se usarem escolhas sociométricas positivas e negativas para se obter um quadro mais diferenciado das dimensões envolvidas no estudo do *status* social. Apenas através da combinação dessas medidas é possível se chegar aos grupos de *status* sociais controverso e negligenciado.

Assim como o trabalho de Coie e colaboradores (1982), outros estudos têm apontado para o risco que sofrem as crianças rejeitadas, controversas e negligenciadas de desenvolverem problemas de ajustamento social atual e futuro (Attili, 1990; Furnham, 1989; Hatzichristou & Hopf, 1996; Parke e colaboradores, 1997; Rubin, 1990). Embora a maior parte dos trabalhos tenha sido dirigida para o acompanhamento de crianças rejeitadas, supomos que as negligenciadas, por serem praticamente ignoradas pelos colegas, também tenham um prognóstico desfavorável em seu desenvolvimento socioemocional. A respeito do prognóstico das crianças controversas, a quem são atribuídas características tanto positivas – como capacidade de liderança –, quanto negativas – como agressividade –, cabem indagações: Serão elas consideradas como portadoras de risco de virem a apresentar comportamentos anti-sociais e de liderança conjuntamente, ou seja, de virem a tornar-se líderes de grupos de rejeitados? O que acontece com as crianças

para serem investigadas através de pesquisas, especialmente no que diz respeito às crianças rejeitadas e negligenciadas.

Um modelo para a explicação das consequências da falta de competência social foi proposto por Hatzichristou e Hopf (1996). Parece se instalar um círculo vicioso: quando as crianças carecem de competência social resultam em falta de aceitação social, que podem despertar outras reações negativas. Raiva é uma das emoções que podem surgir, gerando ações agressivas, hostis e desafiantes. Autopiedade é outra reação possível, caracterizada por depressão ou na busca de conforto.

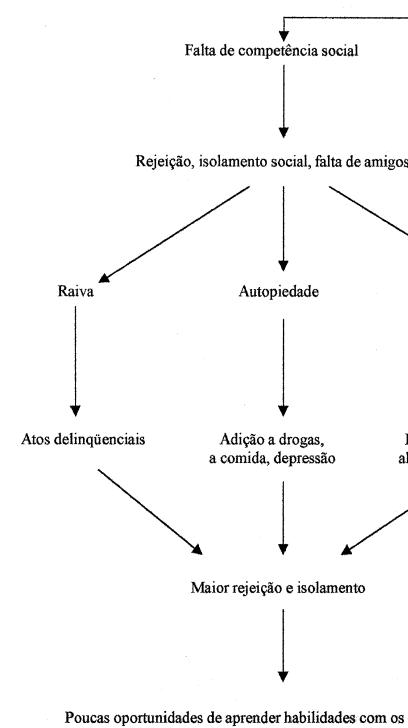


Figura 1. Um modelo das causas e consequências da falta de competência social.

relações entre *status* sociométrico e atributos comportamentais, conforme avaliação dos colegas, estudando alunos de três graus escolares, com, em média, nove, 11 e 14 anos de idade, utilizando-se de entrevistas. Hatzichristou e Hopf (1996) replicaram o estudo de Coie e colaboradores entrevistando crianças e adolescentes de 11 e 14 anos. Foi um de nossos propósitos no presente estudo adaptar e testar um instrumento de avaliação de características comportamentais para pré-escolares, com o intuito de se detectarem, mais precocemente, características comportamentais associadas aos diversos *status* sociométricos. Vários pesquisadores desenvolveram instrumentos auxiliares de entrevistas (figuras, bonecos, estórias, vinhetas) para a avaliação de diferentes funções em pré-escolares, para que as crianças, que se encontram num estágio de pensamento concreto, pudessem melhor compreender a situação ou o problema proposto. Encontramos estudos com tais características nas áreas de apego (Bretherton & Ridgeway, 1990; Oppenheim, 1990), da teoria da mente (Leslie, 1991; Rosen, Schwabel & Singer, 1997) e de auto-estima (Daniels, 1998; Harter & Pike, 1984). Desconhecemos, porém, instrumentos semelhantes, específicos para avaliação da relação entre competência social e julgamento de atributos comportamentais por parte de companheiros na idade pré-escolar. Utilizamo-nos de figuras ilustrativas dos comportamentos pesquisados com a finalidade de facilitar a compreensão da tarefa e de motivar as crianças a participarem e a se manterem interessadas durante a prova.

Pesquisamos contrastes entre cinco atributos comportamentais relativos à esfera socioafetiva – ser dependente/independente da professora; ter muitos/poucos amigos; dar/receber ordens; participar muito/participar pouco das atividades; provocar/não provocar brigas – e duas características afetivo-emocionais – mostrar-se alegre/triste; e mostrar-se corajoso/medroso. A opção pelas características sociais empregadas neste estudo partiu do propósito de avaliar a associação entre

(1982), que encontraram correlação entre nível de participação e rejeição social no ambiente escolar. O item dependência de outras pessoas, “pedir ajuda”, tópico incluído por Coie et al. (1982), que constataram sua correlação com a rejeição social em crianças mais velhas, pré-adolescentes.

Há relatos, embora indiretos, de que a competência social das crianças esteja relacionada ao nível de identificar e de expressar sentimentos de afetividade positiva (Esteve, 1999; Esteve & colaboradores, 1999). Os autores sugerem que os atributos comportamentais associados a competências sociométricas preocupam-se com a avaliação do comportamento social, dando ênfase ao aspecto afetiva e emocional. Introduzem a necessidade de investigação de características de personalidade (como medo/coragem), com o objetivo de avaliar a medida sua aplicação na avaliação da competência social, relacionada com competências de interação social das crianças.

Diferenças de gênero foram observadas quanto à popularidade/rejeição social (Harter & Pike, 1996), no relato de comportamentos que levam a fatores de redução de dano social e de situações desconfortáveis (Rotenberg, 1999), e quanto à expressão de medo (Lewis & Parker, 1997). A interpretação de indícios que refletem a percepção de outras pessoas (Lagattuta, 1999) e a preferência por certos tipos de atividades (Meninas têm revelado maior interesse por brinquedos que envolvem cuidados com bonecos, enquanto meninos têm maior interesse em brinquedos que envolvem construção, jogos de guerra e brinquedos que envolvem ação) também revelaram diferenças entre gêneros nesses atributos. Tendo em vista que é comum supor que haja diferença entre meninos e meninas quanto a suas preferências, é importante lembrar que a preferência/rejeição a certos tipos de comportamentos pode ser resultado de variáveis individuais e de grupo.

O número de escolhas múltiplas feitas por cada criança (Fukada, Fukada e Hicks, 1999) é menor para o *status* sociométrico, reflete, em certa medida, a menor variedade de opções entre as quais as crianças podem escolher. As crianças que escolhem mais opções possuem maior nível de competência social, o que sugere que elas são mais competentes e mais sociáveis. No entanto, é importante lembrar que a preferência/rejeição a certos tipos de comportamentos pode ser resultado de variáveis individuais e de grupo.

medidas. Foram objetivos específicos complementares: (1) verificar as relações entre *status* sociométrico e características comportamentais segundo julgamento dos colegas; (2) analisar diferenças de gênero quanto a *status* social; (3) estabelecer as relações entre *status* social e gênero de um lado e atribuição de características comportamentais pelos colegas de outro; (4) verificar diferenças de *status* social e gênero quanto ao número de escolhas recíprocas.

## Método

### Participantes

Participaram do estudo 31 crianças – 18 meninos e 13 meninas – de uma classe de Pré-escola Municipal situada em bairro de classe média e média-baixa da Zona Sul da cidade de São Paulo – com cinco anos e sete meses de idade em média, variando de cinco anos e quatro meses até seis anos e três meses. As crianças participaram como sujeitos que podiam escolher e ser escolhidos.

### Procedimento

*1<sup>a</sup> etapa* – Familiarização das crianças com a pesquisadora

Nesta etapa, a pesquisadora – após ser apresentada pela diretora como uma pessoa que estaria com as crianças por algum tempo, observando-as e fazendo algumas perguntas – passou duas horas em sala de aula, observando as atividades das crianças, que se sentavam distribuídas em grupos de três ou quatro em cada uma das nove mesas circulares da sala de aula. Passou de mesa em mesa perguntando o nome e idade de cada criança e aspectos de sua vida – onde moravam, como vinham para a escola, se tinham irmãos, etc. – e respondendo às perguntas que lhe eram feitas.

*2<sup>a</sup> etapa* - Entrevistas

Após a primeira etapa, a pesquisadora passou a chamar cada criança para a entrevista individual. As crianças foram divididas em três grupos de acordo com

você mais gosta?” Em seguida, perguntava-se: “De que(a), de quem você mais gosta?”. De acordo com a citação, a última pergunta era repetida para que obtivessem os três colegas de quem o(a) mais gostava. Perguntava-se, então: “agora, qual é o colega de quem você menos gosta?”. O procedimento era o mesmo, com a diferença de que o procedimento até se obterem as três escolhas. As crianças, em geral, tiveram maior dificuldade em citar os colegas de quem menos gostavam. Algumas citaram apenas um ou dois nomes de colegas de quem mais ou de quem menos gostavam. Devido a haver mais nenhuma criança naquela categoria em todos os casos, foram computados apenas os casos que citaram

*Determinação do status sociométrico* - A partir das escolhas realizadas por cada criança individualmente quais os três colegas que ela mais e de quem menos gostava, computaram-se escores de escolhas positivas e negativas que a criança recebeu, obtendo-se duas medidas sociométricas derivadas: *preferência social*: gosta mais + (mais); e *impacto social*: gosta mais + (mais) e menos - (menos). Em seguida, os escores de preferência e impacto social foram padronizados e as crianças foram classificadas em cinco grupos de *status* distintos, de acordo com os seguintes critérios: *popular* – escore de preferência social maior que 1,0; *amigável* – escore de gostar mais maior que 0; *padronizado* – escore de preferência social menor que 0; *rejeitado* – escore de preferência social menor que -1,0; *negligenciado* – escore de gostar menos maior que 0; *controverso* – escore padronizado de impacto social menor que 0; *especial* – escore padronizado de preferência social menor que 1,0; escores padronizados de gostar mais maiores que 0; *intermediário* ou *ambiverte* – escore padronizado de preferência social entre 0 e 1,0.

*Avaliação de atributos comportamentais* – As crianças foram avaliadas quanto a suas habilidades sociais, de acordo com a classificação de

de um atributo, cobria-se a outra metade da folha, que ilustrava seu inverso. Foram as seguintes as instruções para cada prancha (a primeira pergunta relativa a cada par descrito era ilustrada por figura situada ao lado esquerdo da prancha e a segunda era representada do lado direito): *Prancha 1* – “Estas crianças têm muitos amigos”. / “Estas crianças têm poucos amigos”. *Prancha 2* – “Estas crianças sorriem muito, estão quase sempre alegres”. / “Estas crianças sorriem pouco, às vezes choram, estão quase sempre tristes”. *Prancha 3* – “Estas crianças são muito agarradas à professora, ficam muitas vezes junto dela”. / “Estas crianças são pouco agarradas à professora”. *Prancha 4* – “Estas crianças são mandonas. Vivem dando ordens”. / “Estas crianças são mandadas; quase sempre estão fazendo o que os outros mandam”. *Prancha 5* – “Estas crianças quase nunca fazem as atividades”. / “Estas crianças quase sempre fazem as atividades”. *Prancha 6* – “Estas crianças brigam muito. São briguentas”. / “Estas crianças quase nunca brigam”. *Prancha 7* – “Estas crianças são corajosas; não têm medo de quase nada”. / “Estas crianças são medrosas; têm medo de muitas coisas”. A ordem de apresentação das pranchas foi aleatória, com exceção da primeira (“tem muitos/ poucos amigos”), que foi propositadamente apresentada nessa posição por acreditarmos que ilustrava uma característica mais concreta e de mais fácil compreensão pelos participantes.

Após cada instrução, perguntava-se à criança: “Qual o seu ou a sua colega que mais se parece com estas

crianças?” Quando essa instrução era entendida, a entrevistadora repetia-a, exemplificando com: “Qual colega tem muitos amigos?”. Os participantes pareciam ser capazes de responder adequadamente às perguntas: “Quem é como eu?”, “Quem é assim?”. Alguns sujeitos tiveram dificuldade em associar as crianças em certos atributos, respondendo imediatamente expuseram um nome ou até quatro e até cinco nomes. Na maioria das vezes, no entanto, apena

## Resultados

### Atributos Comportamentais Preditivas de Preferência e Rejeição Social

A Tabela 1 mostra as correlações entre os escores de características comportamentais e os escores de escolhas positivas (de quem gosta mais) e negativas (de quem gosta menos). Foi utilizada a escala de Pearson. Como se observa na Tabela 1, existem correlatos dos escores de “mostrar-se alegre”, “participar muitas vezes nas atividades”, “ter muitos amigos”, “ser independente” e “ser corajoso” com os escores de escolhas positivas, ou seja, todos os atributos preditivos de preferência social. “mostrar-se corajoso”, categoria que aparece adiante, correlacionou-se positivamente com os escores de escolhas positivas apenas para as meninas. No entanto, existem correlatos dos escores de escolhas negativas com “mostrar-se corajoso”, “dar ordens”, “mostrar-se independente”, “ter pouco das atividades” e “ter medo de muitas coisas”. Existe, no entanto, uma exceção da característica “ser corajoso”, que não mostrou correlação positiva entre os escores de escolhas negativas e os atributos comportamentais preditivos de rejeição social.

Pela coerência do padrão de resultados, podemos dizer que os atributos comportamentais preditivos de preferência social e de rejeição social, poderiam ser considerados um instrumento adequado para avaliar a competência social, que se propunha. As crianças mostraram-se adequadamente capazes de associar as crianças em certos atributos, respondendo imediatamente expuseram um nome ou até quatro e até cinco nomes. Na maioria das vezes, no entanto, apena



Tabela 1. Correlações entre Atributos Comportamentais e Escores Brutos de Escolhas Positivas e Negativas

	Atributos Comportamentais	Escolhas Positivas	Escolhas Negativas
	Esf era social		
Tem muitos amigos		0,485**	-0,057
Tem poucos amigos		-0,109	0,308*
Provoca brigas		0,345*	-0,193
Briga pouco		0,511**	-0,072
Independente da professora		-0,133	0,246
Dependente da professora		0,194	-0,133
Participa das atividades		0,511**	-0,072
Participa pouco das atividades		-0,133	0,246
Dá ordens		0,194	-0,034
Cumpre ordens			
	Esf era afetiva		
Alegre		0,513**	-0,148
Triste		-0,148	0,246
Corajoso		0,246	-0,034
Medroso			

\*\*\*  $p < 0,001$ ; \*\*  $p < 0,01$ ; \*  $p < 0,05$

incluir apenas o atributo “ter muitos amigos”, que explica 24% da variância dos dados, enquanto para as meninas o modelo, que explica 71% da variância dos dados, inclui “mostrar-se alegre” (47% da variância) e “corajoso” (24% da variância). Quanto às escolhas negativas, para os meninos, o modelo inclui apenas a característica “provocar brigas”, que explica 41% da variância. Para as meninas, explicam as escolhas negativas os atributos “provocar brigas” (47% da variância) e “mostrar-se triste” (17% da variância), que, juntos, são responsáveis por 64% da variância dos dados.

#### Análise em Função de *Status Sociométrico*

Foi feita uma análise dos dados com base nas categorias de *status* sociométrico de Coie e colaboradores (1982).

Duas das 31 crianças não se enquadram no modelo de grupo de *status*, segundo o critério dos autores. Desses, seis (19,3%) são consideradas populares, três (10,3%) consideradas negacionistas, três (10,3%) consideradas negligenciadas, três (10,3%) consideradas marginalizadas e sete (27,6%) consideradas médias.

#### *Efeitos de Gênero em Relação a Status Social*

Computou-se o *status* sociométrico para cada grupo de gênero. Testes de qui-quadrado foram realizados para verificar se houve escolha diferencial de meninos e meninas. As meninas (85,7%) tenderam a ser mais populares do que os meninos (14,3%).

Tabela 2. Análises de Regressão Prevendo Escolhas Positivas e Negativas em Função dos Atributos Considerados para cada Gênero

$p < 0,10$ , e que foram menos escolhidas como negligenciadas (0,0%) do que eles (100%),  $\chi^2 (1) = 4,0$ ;  $p < 0,05$ .

Encontrou-se um efeito multivariado significativo de gênero para o conjunto dos 14 atributos comportamentais, Roy = 8,062, F(14,7) = 4,031;  $p < 0,05$ . Especificamente, as meninas foram mais citadas do que os meninos nos itens “dar ordens” ( $M = 1,88 \pm 0,31$  vs.  $M = 0,62 \pm 0,26$ ) e “mostrar-se triste” ( $M = 1,13 \pm 0,20$  vs.  $M = 0,31 \pm 0,17$ ).

#### Efeitos do Status Sociométrico

Encontrou-se um efeito principal multivariado significativo para *status* sociométrico, Roy = 8,240, F(14,10) = 5,886;  $p < 0,01$ . Efeitos principais correspondentes foram identificados em análises univariadas para três características comportamentais na esfera social – “provocar brigas”,  $F(4,20) = 5,407$ ;  $p < 0,01$ , “dar ordens”,  $F(4,20) = 6,737$ ;  $p < 0,001$ , e “ter pouco amigos”,  $F(4,20) = 2,856$ ;  $p < 0,05$ , - e para duas características na esfera afetiva – “mostrar-se medroso”,  $F(4,20) = 3,387$ ;  $p < 0,05$ , e “mostrar-se triste”,  $F(4,20) = 7,296$ ;  $p < 0,01$ . A Tabela 3 apresenta as médias e os erros padrão para essas características.

Tabela 3. Média e Erro Padrão de Avaliações de Características Comportamentais em Função do Status sociométrico

Status sociométrico	Características comportamentais							
	Poucos amigos		Provocar brigas		Dar ordens		Tristeza	
	<i>M</i>	<i>EP</i>	<i>M</i>	<i>EP</i>	<i>M</i>	<i>EP</i>	<i>M</i>	
Popular	0,57	0,35	0,14	0,32	0,29	0,38	0,14	
Rejeitado	1,00	0,35	1,00	0,32	0,57	0,38	1,29	
Negligenciado	0,75	0,47	0,25	0,43	0,50	0,50	0,25	
Controverso	2,67	0,54	3,00	0,49	3,00	0,58	0,67	
Médio	0,38	0,33	0,50	0,30	0,50	0,35	0,25	

Comparações dois a dois através do critério de Bonferroni revelaram que, em relação a “provocar brigas”, “dar ordens” e “mostrar-se medroso”, as crianças

Comparações dois a dois através do critério de Bonferroni revelaram que, em relação a “provocar brigas”, “dar ordens” e “mostrar-se medroso”, as crianças

#### Efeitos de Interação entre Gênero e Status sociométrico

Encontrou-se um efeito multivariado significativo de interação entre gênero e *status* sociométrico, Roy = 4,624;  $p < 0,01$ . Apenas a interação referente a “mostrar-se triste” foi significativa, alterando o resultado descrito anteriormente. Pode-se dizer que as meninas encontraram diferenças nessa característica sociométrico, enquanto as meninas foram mais citadas como “tristes” que as meninos.

#### Distribuição das Atribuições de Características Comportamentais dos Participantes conforme ao Status sociométrico e ao Gênero

Um teste t para avaliar efeitos de interação entre gênero e status sociométrico mostrou que o número de escolhas recíprocas entre meninos ( $M = 1,31 \pm 0,31$ ) apresentou uma diferença significativa quando comparado com os meninos ( $M = 0,44 \pm 0,05$ ). Em decorrência desse resultado,

necessário ter a cautela de separar as meninas de meninos quanto ao gênero de quem atribuiu as escolhas, pois é possível que as meninas atribuam mais

constatamos que os meninos atribuíram escolhas positivas (gostar mais) predominantemente a meninos ( $t(29) = 2,955; p < 0,01$ ) e que as meninas fizeram mais escolhas positivas de meninas ( $t(29) = 3,247; p < 0,01$ ).

comportamentais enfocadas no p... “Provocar brigas” tem sido, ao lado de principais comportamentos empregados agressividade, assim como “ter muitos

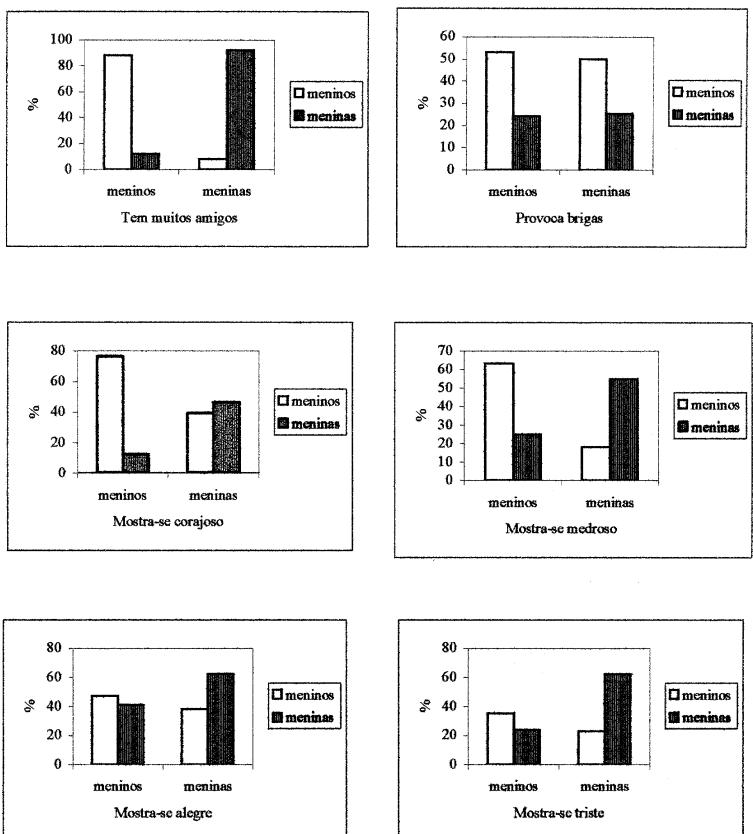


Figura 3. Porcentagens de escolhas de meninos e meninas em relação ao gênero de quem foi julgado de diferentes atributos comportamentais. Nas abscissas, estão os juízes e nas colunas, as porcentagens.

Com referência às descrições comportamentais, apresentamos na Figura 3 os atributos que mais se destacaram nas análises precedentes. Constatamos que meninas e meninos atribuem predominantemente a crianças do mesmo gênero a característica “ter muitos

“não ter amigos” são indicadores de isolamento social, respectivamente (Hatz 1996; Underwood, 1997). Ao escolher “dar ordens” e “cumprir ordens”, tive de comparar as características de c...

comportamentais dos companheiros, nos domínios social e afetivo. Podemos estabelecer paralelos com alguns estudos de desenvolvimento, que relatam que crianças de cinco a seis anos são mais capazes do que as de três e quatro anos de perceber processos mentais e eventos que precedem as emoções (Lagattuta e colaboradores, 1997; Laible & Thompson, 1998). Analisando-se os correlatos de escolhas positivas e negativas, constatamos que as crianças associaram a maioria das características comportamentais positivas (aceitação social, participação nas atividades, alegria, independência e não-agressividade) aos companheiros escolhidos como mais queridos, enquanto os menos queridos receberam maior número de atribuições negativas (pouca participação, isolamento, mostrar-se agressivo, dominador e medroso). A associação de características socialmente apreciadas aos escores de preferência social é esperada, uma vez que as crianças já assimilaram muitas das representações coletivas do que é valorizado culturalmente (Morais, 1980; Morais & Carvalho, 1994; Nicolopoulou & Weintraub, 1998).

No que diz respeito aos correlatos de escolhas negativas e positivas na esfera social, a maior parte de nossos dados são coerentes com os relatados na literatura. Diversos estudos demonstram que agressividade e isolamento social são fatores relacionados à rejeição por parte de companheiros (Bussab & Maluf, 1998; Hatzichristou & Hopf, 1996; Underwood, 1997). No trabalho de Coie e colaboradores (1982), a dependência (“pedir ajuda”) associou-se à rejeição social e, no estudo de Vosk e colaboradores (1982), a falta de participação nas atividades caracterizou crianças impopulares. Verschueren e Marcoen (1999) usaram o ajustamento escolar (critério semelhante ao de participação nas atividades) como um dos indicadores de competência socioemocional. Esperávamos que a submissão fosse uma característica associada às escolhas negativas. Observamos, entretanto, que as instruções da prancha que procurava avaliar submissão foram entendidas por alguns alunos como “negligência”.

escolhas negativas. Embora demonstram que isolamento correlacionam-se negativamente com a relação positiva (Hatzchristou & Hopf, 1996; P. Stormshak, Bierman, Bruschi e variáveis afetivas, especialmente “coragem”, foram menos expressas em crianças com baixa competência social. Hartup (1992) aponta que a amizade é uma das qualidades possuídas por crianças que consideram importantes no seu desenvolvimento. Observar que as crianças pequenas da amostra do presente estudo associavam a amizade à característica e a associam a seu bem-estar. Dunn (1990) verificaram que crianças com mais emoções negativas experimentavam maior isolamento social, parte de companheiros. Evidentemente, estar perto de pessoas alegres e com poucas agressividades (Hubbard & Coie, 1994).

De maneira geral, a manifestação de emoções expressões emocionais por pais e Eisenberg (1997) encontrou relativas à maior busca de informações situacionais geradora de imitação demonstração mais freqüente nessas situações por parte das crianças, que descrevem ainda diferenças entre meninos e meninas, conjecturando que os meninos tendem a inhibir a expressão de emoções e colaboradores (1997) constataram que as meninas superaram os meninos na inteligência cognitiva preditiva de emoções (1982), num estudo observando situações evocadoras de emoções em meninas mostravam expressões de emoções mais intensas. Embora não tenham ligação direta com os resultados desses estudos, é interessante observar que

maiores conclusões a esse respeito, são necessários estudos comparativos que façam a avaliação cuidadosa da relatividade de valores culturais em segmentos populacionais.

### ***Status Sociométrico, Gênero e Atribuição de Características Comportamentais***

Através da análise de variância, constatamos que as meninas foram classificadas como mais populares e menos negligenciadas do que os meninos. Coie e colaboradores (1982) encontraram fenômeno semelhante na amostra que estudaram. Em seu estudo, os meninos foram mais selecionados como rejeitados do que as meninas, o que confirma os achados de outras pesquisas que indicam que os meninos encontram mais dificuldade nas relações com os companheiros do que as meninas (Hatzichristou & Hopf, 1996; Parke e colaboradores, 1997). Os dados relativos à escolha mútua – que revelaram que as meninas superaram os meninos neste aspecto – são compatíveis com a maior facilidade de integração social no gênero feminino: indubitavelmente, há maior facilidade na interação quando existe reciprocidade e correspondência de afetos. Ainda no que diz respeito às escolhas mútuas e coerentemente com a hipótese de que as crianças populares são mais conscientes de sua própria competência social (MacDonald & Cohen, 1995), as crianças do grupo popular apresentaram maior reciprocidade nas escolhas mútuas positivas que os demais grupos.

No que se refere à avaliação de características comportamentais, a análise de variância revelou que o grupo que mais se destacou dos demais foi o de crianças controversas, que foram avaliadas como mais agressivas, mais dominadoras e mais medrosas do que as demais, inclusive do que as rejeitadas, e mais isoladas do que as populares e médias. A maior parte dos estudos relata que as crianças rejeitadas partilham essas características com as controversas, que, entretanto, também demonstram maior nível de socialização e maior

que a característica afetiva “tristeza”, a principal de gênero, revelou impacto no julgamento das meninas rejeitadas.

Observamos maior número de escolhas recíprocas entre as meninas, fato que pode estar relacionado com as características predominantemente femininas de se dedicarem a atividades que envolvem maior intimidade e em que a percepção de preponderância sobre a ação, enquanto a atuação é mais marcada pelo movimento e pelas ações. Esses fenômenos se revelam nas atividades sociais, em brincadeiras imaginativas e em narrativas (Bogard, 1980; Morais & Carvalho, 1994; Nisbett & Weintraub, 1998). Entretanto, o maior número de escolhas mútuas entre as meninas alerta-nos para a possibilidade de que tenha havido, em relação ao gênero, uma menor intensidade de comportamentos de interação entre os meninos. O resultado da escolha de quem foi escolhido, aquele de quem fez a escolha, é fundamental para interpretarmos adequadamente os resultados. É necessário considerar os participantes sob duas perspectivas: 1) do ponto de vista de quem fez a escolha, considerando-se os participantes como juízes e 2) do ponto de vista de quem foi escolhido, considerando-se as meninas como alvos de julgamento. Mantendo-se em mente essa dupla condição dos sujeitos, podemos observar que o número de escolhas recíprocas entre as meninas é maior que elas fossem as principais responsáveis pelas avaliações comportamentais do grupo de meninos. Quando as meninas julgarem as colegas, elas valorizam mais as características afetivas? Ou nos meninos é maior a percepção de que as meninas notados os atributos comportamentais de menor visibilidade, ao passo que nas meninas é maior a percepção de que as meninas valorizadas as características de afetividade? Foi possível responder a essas questões porque, ao longo do estudo, procuramos analisar separadamente os participantes na qualidade de juízes e alvos de julgamento. Porém, ao procurarmos algumas respostas a essas questões, ficou evidente que elas não eram suficientes para explicar a complexidade das relações entre os sujeitos.

preponderantemente atribuída a um dos gêneros foi a agressividade, considerada por meninos e meninas como um atributo masculino. Stormshak e colaboradores (1999), estudando crianças em idade escolar, verificaram que as diferenças de gênero em relação à aceitação por parte de companheiros agressivos variam em função do nível de agressividade tolerada pelo grupo, constatando ser essa uma característica menos definidora de rejeição social para as meninas. Nossos dados contrariam esses achados, mas confirmam em parte os resultados de Coie e colaboradores (1982) que verificaram que, em crianças de nove a 11 anos, os meninos foram mais freqüentemente citados no item “provoca brigas” do que as meninas.

No que diz respeito à aceitação social, foi altamente consistente a atribuição dessa característica a crianças de mesmo gênero. Como há uma aproximação maior entre crianças de mesmo gênero, elas, provavelmente, tendem a prestar mais atenção umas às outras e a ter melhor percepção umas das outras. Essa tendência se replica em maior ou menor grau para as características afetivas: alegria/tristeza e coragem/medo. Dessa forma, não podemos descartar a suposição de que as características afetivas atribuídas preponderantemente às meninas – especialmente a tristeza, e, em menor grau, o medo e a alegria – devam ser consideradas mantendo-se em perspectiva o duplo papel das crianças nas escolhas: como juízes e como alvos de julgamento. Quanto ao predicado “coragem”, os meninos atribuíram-no consistentemente a outros meninos, confirmando nossa suposição de que essa é uma característica preponderantemente masculina, pelo menos do ponto de vista dos meninos, já que as meninas conferiram-na aos dois gêneros. Há certamente carência de estudos que estabeleçam relações entre características afetivas e *status sociométrico*, e, mais ainda, de pesquisas que investiguem a relação entre gênero e características das crianças no papel de juízes. Serão necessários estudos posteriores, especialmente planejados

correlatos comportamentais social em crianças em idade pré-escolar, dimensão afetiva na caracterização associados a escolhas sociométricas. Tomando-se como verdadeiros os resultados de (1989), apresentado na Figura 1, da falta de competência social e de risco para o desenvolvimento de transtornos de conduta, é interessante que se investigarem os aspectos de socialização com inabilidade social.

Quanto a futuros estudos interessantes algumas alterações comportamentais pesquisadas mostrou a conveniência de incluir “o que o menino faz com os companheiros” e de se considerar a prancha que pretendia dizer submissa. Como a dimensão importante para a avaliação da popularidade/rejeição para as crianças é incluir no procedimento características afetivas como exemplo, ou elaborar um instrumento exclusivo de avaliar o impacto das escolhas sociométricas. No entanto, é importante também a inserção de observações diretas do comportamento, das relações entre a manifestação preferência/rejeição social. Um ponto que pode ajudar a melhor diferenciar os participantes é o fato de que o alvo de julgamento também deve analisarem mais adequadamente sobre a avaliação das crianças.

Evidentemente, são muitas transformações que ocorrem, mudanças de grupo de referência que busquem intervir no grupo, lidando com os conflitos.

sociais, da expressão e controle de sentimentos, como raiva, alegria/tristeza, ou medo/coragem em diferentes segmentos populacionais. Indubitavelmente, maiores conhecimentos na área contribuirão para o diagnóstico precoce e para a eficácia de procedimentos de intervenção que diminuam os riscos que a falta de competência social acarreta. Fogel (2000), comentando a visão de desenvolvimento como construção mediada culturalmente, considera o Brasil – por suas características peculiares de freqüentes mudanças nos sistemas político e econômico e, acrescentamos, por sua diversidade de subculturas – um campo especialmente profícuo para a investigação “da flexibilidade, da criatividade, da emergência e da manutenção de *quasi*-estabilidade em meio ao caos” (p. 318).

## Referências

- Attili, G. (1990). Successful and disconfirmed children in the peer group: Indices of social competence within an evolutionary perspective. *Human Development, 33*, 238-249.
- Bretherton, I. & Ridgeway, D. (1990). Assessing internal working models of the attachment relationship: An attachment story completion task for 3-years-old. Em: M. T. Greenberg, D. Cicchetti, & E. M. Cummings (Orgs.), *Attachment in the preschool years: Theory, research and intervention* (pp. 87-119). Chicago: The University of Chicago Press.
- Bussab, V. S. R. & Maluf, M. P. C. (1998). A creche como contexto sócio-aativo de desenvolvimento: Os padrões interacionais e o ajustamento das crianças. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano, 8*, 33-39.
- Coie, J. D., Dodge, K.A. & Coppotelli, H. (1982). Dimensions and types of social status: A cross-age perspective. *Developmental Psychology, 18*, 557-570.
- Daniels, D.H. (1998). Age differences in concepts of self-esteem. *Merrill-Palmer Quarterly, 44*, 234-258.
- Fabes, R. A., Eisengerg, N., Jones, S., Smith, M., Guthrie, I., Poulin, R., Shepard, S. & Friedman, J. (1999). Regulation, emotionality, and preschoolers' socially competent peer interaction. *Child Development, 70*, 432-442.
- Fogel, A. (2000). O contexto sociocultural e histórico dos estudos do desenvolvimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 13*, 311-318.
- Fukada, H., Fukada, S. & Hicks, J. (1997). The relationship between leadership and sociometric status among preschool children. *The Journal of Genetic Psychology, 158*, 481-486.
- Hubbard, J. A. & Coie J. D. (1994). Emotional competence in children's peer relationships. *Merrill-Palmer Quarterly, 40*, 20.
- La Frenière, P., Strayer, F.F. & Gauthier, R. (1988). Same-sex affiliative preferences among preschoolers from a developmental/ethological perspective. *Child Development, 59*, 1965.
- Lagattuta, K.H., Wellman, H.M. & Flavell, J.H. (1997). Standing of the link between thinking and feelings and emotional change. *Child Development, 68*, 10.
- Laible, D. J. & Thompson, R. A. (1998). Attachment standing in preschool children. *Developmental Psychology, 34*, 1045.
- Leslie, A. M. (1991). The theory of mind impairment hypothesis: Is it for a modular mechanism of development? In: *Natural theories of mind: evolution, development and mindreading* (pp. 63-78). Oxford: Basil Blackwell.
- Lewis, M. & Michalson, L. (1982). The measurement of emotion. Em C. E. Izard (Org.), *Measuring emotions in infants and young children* (pp. 207). Cambridge: Cambridge University Press.
- MacDonald, C.D. & Cohen, R. (1995). Children avoid people like them and which peers dislike them. *Social Development, 10*, 1-10.
- Moraes, M. L. S. (1980). *O faz-de-conta e a realidade*. Dissertação de Mestrado não publicada, Programa de Psicologia Experimental, Universidade de São Paulo.
- Moraes, M. L. S. & Carvalho, A.M.A.C. (1994). Faz-de-conta e regras na brincadeira de crianças de quatro a seis anos. *Revista Brasileira de Psicologia, 100/101*, 21-30.
- Nicolopoulou, A. & Weintraub, J.W. (1998). Individual representations in social context: A modest contribution to the interrupted project of a sociocultural developmental model. *Human Development, 41*, 215-235.
- Oppenheim, D. (1990). *Assessing the validity of a doll preference measure of attachment in preschoolers*. Tese de Doutorado não publicada, Department of Psychology, The University of Utah, Salt Lake City, Estados Unidos da América.
- Otta E. & Sarra, S. (1990). Um estudo sobre o sorriso de quatro a cinco anos. *Psicologia - USP, 1*, 13-20.
- Parke, R. D., O'Neil, R., Spitzer, S., Isley, S., Welsch, C. & Strand, C. & Cupp, R. (1997). A longitudinal assessment of stability and the behavioral correlates of child attachment. *Merrill-Palmer Quarterly, 43*, 635-662.
- Rosen, C.S., Schwabel, D.C. & Singer, J.L. (1997). Preschoolers' understanding of mental states in pretense. *Child Development, 68*, 10.
- Rotenberg, K. J. & Eisenberg, N. (1997). Developmental understanding of and reaction to others' intentions and expression. *Developmental Psychology, 33*, 526-537.
- Rubin, K. H. (1990). Peer relationships and social skills from an international perspective: Introduction. *Human Development, 33*, 224.

*Status Sociométrico e Avaliação de Características Comportamentais: Um Estudo de Competência*

Vosk, B., Forehand, R., Parker, J. B. & Rickard, K. (1982). A multimethod comparison of popular and unpopular children. *Developmental Psychology, 18,* 571-575.

Sobre as autoras:

**Maria de Lima Salum e Moraes** – Psicóloga formada pelo IPUSP, com atuação nas áreas de Educação e Saúde Pública, Mestre e Doutoranda em Psicologia Experimental pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

**Emma Otta** – Psicóloga formada pelo IPUSP, com atuação na área de Etiologia. Professora associada, livre-docente, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental e Chefe do Departamento de Psicologia Experimental do Instituto Psicologia da Universidade de São Paulo.

**Cristiana Tieppo Scala** – Psicóloga formada pela PUCSP, com atuação na área de Psicologia do Esporte. Mestre e Doutoranda em Psicologia Experimental pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.